



Afeto e suas manifestações: Impacto do Covid-19 na saúde mental dos brasileiros

Carolina Ferraz Santos Sampaio

Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC-JF) Juiz de Fora- Minas Gerais

Edilson Dantas Lima Júnior

Faculdade Santo Agostinho (FASA-VIC) Vitória da Conquista- Bahia

Nirvana Ferraz Santos Sampaio

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) Vitória da Conquista- Bahia

RESUMO

O objetivo deste capítulo é apresentar uma discussão sobre as vicissitudes do afeto diante da pandemia do coronavírus vivenciada pelos brasileiros. Para tanto, recorreremos à Psicanálise, a partir de textos e conceitos freudianos, para analisar enunciados retirados de jornais e revistas de circulação nacional, publicados no ano 2020. Consideramos que a energia pulsional demarca processos que ocorrem entre o psíquico e o somático.

Palavras-chave: Afeto, angústia, melancolia, luto, pandemia.

1 INTRODUÇÃO

No final de 2019, o panorama mundial foi abalado devido ao novo coronavírus (nCOVID-19), casos registrados inicialmente na China foram amplamente disseminados, ocasionando uma pandemia. No Brasil, a pandemia da Covid-19 teve início em fevereiro de 2020. Podemos abordar essa conjuntura a partir de diversos campos de saber, como, por exemplo, as áreas das ciências médicas: epidemiologia, pneumologia, terapia intensiva e infectologia; a Psicologia, com abordagens humanistas, fenomenológicas, direcionadas ao estudo do consciente, dentre outras. Dalgarrondo (2008), psiquiatra, considera as funções psíquicas em consciência, atenção, orientação, vivências do tempo e do espaço, sensopercepção, memória, afetividade, vontade e psicomotricidade, pensamento, juízo de realidade, linguagem, além das funções psíquicas compostas, que são consciência e valoração do eu, esquema corporal e identidade, personalidade e inteligência. Todas essas funções psíquicas funcionam em conjunto e são analisadas separadamente como objeto de estudo. Neste texto, priorizaremos a afetividade, que, para Dalgarrondo (2008), é um termo genérico e compreende várias modalidades de vivências afetivas como o humor, as emoções e os sentimentos.

Dessa forma, neste capítulo, discutiremos a seguinte questão: quais as mudanças de afeto podem ser observadas a partir da pandemia do coronavírus para os brasileiros? Consideramos previamente que a energia pulsional demarca processos que ocorrem entre o psíquico e o somático e, para compreender o afeto e as suas manifestações, averiguamos alguns conceitos da Psicanálise, quais sejam: o conceito de afeto, de angústia, de sintoma, de luto e o de melancolia.



Ao desenvolver a resposta, recorreremos ao Vocabulário da psicanálise, de autoria de Laplanche e Pontalis (2001), e a alguns textos de Sigmund Freud, quais sejam: Luto e melancolia (1917), Além do princípio do prazer (1920), e Angústia e instintos, retirado de Novas conferências introdutórias à Psicanálise (1933). Além disso, verificamos e analisamos enunciados materializados nos jornais CNN do Brasil, BBC, dos sites G1 e Uol, e da Revista VEJA, publicados entre os meses de março a junho de 2020, a partir do referencial teórico estudado. E, em seguida, discutimos sobre a angústia de morte e as incertezas relacionadas à pandemia e a possibilidade de autodestruição e da destruição dos seus semelhantes, sejam eles idoso, jovem ou criança; sejam eles das diversas classes sociais; sejam eles homens ou mulheres, ou quaisquer gênero, cor ou outra singularidade.

2 AFETO, ANGÚSTIA, SINTOMA, LUTO E MELANCOLIA: AS PULSÕES EM TEMPOS DE COVID-19

Como o brasileiro tem sido afetado com a pandemia do coronavírus? Observa-se que os efeitos da pandemia são diversos, vão desde alterações do cotidiano, mudanças dos hábitos de higiene, do isolamento social até a perda de emprego e a perda de familiares e amigos. Dessa forma, o brasileiro tem sido movido para o desenvolvimento da angústia e para a formação de sintomas marcados no corpo ou inscritos em representações psíquicas.

Segundo Laplanche e Pontalis (2001), o termo afeto é proveniente da terminologia psicológica alemã. Os autores informam que esse termo exprime qualquer estado afetivo, penoso ou desagradável, vago ou qualificado, quer se apresente sobre a forma de uma descarga maciça, quer como tonalidade geral. Segundo Freud, toda pulsão se exprime nos dois registros, do afeto e da representação. O afeto é a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações. LAPLANCHE E PONTALIS (2001, p. 09)

Ainda nesse âmbito, o afeto para Sigmund Freud é definido como a tradução subjetiva da quantidade de energia pulsional em que a pulsão, portanto, é um dos conceitos da demarcação entre o psíquico e o somático. Nota-se que, paralelamente ao termo afeto, Freud emprega a expressão ‘quantum de afeto’, que corresponde a pulsão na medida em que esta se separou da representação e encontra uma expressão adequada a sua quantidade em processos sensíveis para nós como afeto. Freud indica possibilidades diversas de transformação do afeto: “Primeiro o da conversão dos afetos (histeria de conversão), segundo o deslocamento dos afetos (obsessões) e o terceiro o da transformação do afeto (neurose de angústia e melancolia)” LAPLANCHE E PONTALIS (2001, p.09).

Sendo assim, a noção de afeto é utilizada em duas perspectivas: pode ser apenas um valor descritivo, designado a ressonância emocional de uma experiência geralmente forte, por um lado, e, por outro, na maior parte das vezes, essa noção postula uma teoria quantitativa dos investimentos, a única que pode



traduzir a autonomia do afeto em relação as suas diversas manifestações. Freud formulou então uma hipótese genética destinada a traduzir o aspecto vivido do afeto. Os afetos seriam “reproduções de acontecimentos antigos de importância vital e eventualmente pré-individuais” LAPLANCHE E PONTALIS (2001, p.09). Assim, pode-se inferir que o relato da entrevistada pela Revista VEJA, em 08/05/2020, apresenta um investimento modificado quantitativamente diante do afeto vivido, alterando o psíquico e o orgânico, observem:

A última vez que saí de casa foi em 13 de março. Depois disso, percebi que as coisas estavam graves e decidi me isolar. O confinamento me deu uma crise de ansiedade tremenda. Sentia falta de ar. Reagi. Recorri a acompanhamento remoto e pausas para tomar sol. Quando noto que estou começando a ficar nervosa, paro o que estou fazendo e respiro profundamente.” (REVISTA VEJA, 08/05/2020).

Em “Além do princípio do prazer” (1920), Freud introduziu dois conceitos relevantes: as pulsões de vida e as pulsões de morte, aquelas se referem as unidades vitais existentes e estas, ou seja, as pulsões de morte, tendem para a destruição das unidades vitais. Dessa forma, estamos diante de processos dinâmicos que provocam um mecanismo excitatório com a finalidade de atingir um objetivo. Diante da pandemia, há quem pense na coletividade, na vida dos semelhantes, mas há quem pense na privação de alimentos e passa a acumular provisão, como se verifica nos enunciados a seguir:

Hoje, o supermercado está aberto e com comida, mas e amanhã? E quando o vírus chegar de vez? Eu tenho uma família para alimentar, não pode faltar nada, declarou a empresária (...) um amigo médico já advertiu seu grupo que a situação vai piorar e ‘é bom se precaver’.

Já já, vai aumentar o número de doentes e as pessoas vão ficar desesperadas. Eu não quero enfrentar isso, estou garantindo já. O que tem aqui dá para mais de um mês, talvez até dois, se for econômico.

Temos que pensar na coletividade, mas o brasileiro não pensa. As ruas cheias, os metrô lotados. Uma hora vai faltar comida, sim, e aí, como é que fica? Minha filha vai passar fome? Não quero brigar por comida (UOL, 19/03/2020)

Com isso, poderíamos observar o que Freud nomeia, a partir da mitologia grega, de Eros (pulsão de vida) e Tânatos (pulsão de morte), estamos aqui diante do que se repete na humanidade, aquilo que direciona à fraternidade e o que direciona à guerra, à destruição.

Em Angústia e instintos, texto retirado de Novas conferências introdutórias à Psicanálise (1933), Freud considera que a angústia é:

um estado afetivo, ou seja, uma união de determinadas sensações da série prazer-desprazer com as inervações de descarga a elas correspondentes e a sua percepção, mas provavelmente também o precipitado de um certo evento significativo, incorporado por hereditariedade, algo comprável ao surto histérico adquirido individualmente. (FREUD, 1933, p. 224)



O autor parte da diferenciação entre angústia realista e angústia neurótica. Considera que a primeira é uma reação que nos parece compreensível, ao perigo, ou seja, a um dano que virá de fora, e a segunda, inteiramente enigmática, ele considera como que sem finalidade.

Analisando a angústia realista, Freud reduz a um estado de elevada tensão sensorial e tensão motora, e a chama de disposição à angústia, e desta se desenvolveria a reação de angústia. Segundo ele, seriam possíveis os desfechos: o desenvolvimento da angústia, a repetição da antiga vivência traumática, limita-se a um sinal, e a reação restante pode adequar-se a nova situação de perigo, procedendo a fuga ou a defesa, ou a situação antiga prevalece, toda a reação se esgota no desenvolvimento da angústia e o estado afetivo torna-se paralisante e inadequado ao presente. No que se refere a angústia neurótica, Freud observa três condições:

Primeiro, enquanto angústia geral livremente flutuante, pronta para ligar-se provisoriamente a toda nova possibilidade que surge, como, por exemplo, na típica neurose de angústia. Segundo, firmemente unidas a determinados conteúdos ideativos nas chamadas fobias, nas quais podemos reconhecer ainda uma relação com o perigo externo, mas devemos julgar inteiramente desproporcional a angústia diante dele. Terceiro, por fim, a angústia na histeria e em outras formas de neuroses severas, que acompanha sintomas ou surge de modo independente, como ataque ou como estado mais duradouro, sempre sem fundamentação visível num perigo externo. (FREUD, 1933, p. 224)

Observamos, ainda, nos enunciados acima apresentados, retirados da reportagem da UOL, do dia 19/03/2020, a angústia gerada pelo fato de ter filhos para alimentar, o que precipita o entrevistado ao ponto de dizer: a) “bom se precaver”, b) “estou garantindo já. O que tem aqui dá para mais de um mês, talvez até dois, se for econômico” e c) “Minha filha vai passar fome? Não quero brigar por comida” (UOL, 19/03/2020).

Outro aspecto relevante é o que Freud discute sobre a relação significativa entre o desenvolvimento da angústia e formação do sintoma, ou seja, o fato de que um pode representar e substituir o outro. A enfermidade de um agorafóbico, por exemplo, começa com um ataque de angústia em plena rua. Isto se repete a cada vez que ele sai novamente a rua. Ele então desenvolve o sintoma da agorafobia, que também se pode chamar de uma inibição, uma restrição no funcionamento do eu, e desse modo poupa a si mesmo o ataque de angústia. No contexto da pandemia, o fato de sair para comprar os itens essenciais pode desencadear fobias, não se sabe quem está assintomático, quem está com o vírus, como se observa no relato retirado da UOL: “E ficar isolada em casa me faz muito mal. Ainda tem aquilo, para ir a qualquer lugar é como entrar em uma guerra: temos que nos preparar, colocar luva, máscara. É muito difícil” (UOL, 03/04/2020). Dessa forma, a angústia, como estado afetivo, é a reprodução de um velho acontecimento ameaçador; a angústia está a serviço da autoconservação e é o sinal de um novo perigo, ela pode ser substituída pela formação de sintoma, é como que psiquicamente ligada por esta – como se houvesse a falta



de algo que junte os pedaços num todo. Um outro relato recorrente e preocupante é o que diz respeito a angústia gerada a partir da leitura de notícias ruins, como em: “Tive um ataque de pânico forte, como não tinha faz muito tempo. No meu caso, acho que relacionado a ler muita notícia sobre coronavírus” (UOL, 03/04/2020).

O que dizer a respeito das perdas no decorrer da pandemia? Nos jornais e revistas são recorrentes os relatos de desempregados e de pessoas que perderam um ente querido. Assim, diante de variadas formas clínicas, poderíamos falar do luto e da melancolia e o faremos a partir do texto de Freud, de 1917. Há quem considere a melancolia como um afeto normal do luto.

Entretanto, a melancolia se apresenta em variadas formas clínicas, cujo agrupamento numa só unidade não parece estabelecido, visto que algumas estão relacionadas a afecções somáticas. De acordo com Freud (1917):

A associação de luto com melancolia mostra-se justificada pelo quadro geral desses dois estados. Neles também coincidem as causas oriundas das interferências da vida, ao menos onde é possível encherá-las. Via de regra, luto é a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal etc. Sob as mesmas influências observamos, em algumas pessoas, melancolia em vez de luto, e por isso suspeitamos que nelas exista uma predisposição patológica.

Em relação ao luto, pode-se observar inúmeras perdas relativas a: (i) questões econômicas desencadeadas pelo desemprego que já assolava o país e aumentou com a pandemia; (ii) perda de liberdade de ir e vir; (iii) perda de um ente querido, como exemplificamos no quadro 1, abaixo:

(i) perda de emprego	(ii) perda da liberdade	(iii) perda de um ente querido
<p>“O jeito agora é rezar, porque as contas não param de chegar. Ninguém suspendeu pagamento de água, luz ou internet, diz Jaqueline, que passou boa parte da segunda-feira (23/03) chorando, em virtude da demissão. Não sei o que fazer agora.” (BBC, 26/03/2020)</p> <p>“Eu tinha reformado a nossa casa e estava tudo parcelado, contando com o meu salário.” (BBC, 26/03/2020)</p>	<p>“Nunca pensei que esse vírus pudesse derrubar ele. Hoje tenho medo! Medo de sair na rua e trazer esse vírus para dentro de casa e contaminar minha família. [Meu pai] Adorava cozinhar e fazia muito bem. A alegria dele era ver a mesa cheia no almoço de domingo. Fazia questão de mencionar como estava feliz com a visita de todos.” (G1, 27/03/2020)</p>	<p>“Eu estou sentindo mal-estar no corpo, uma sensação ruim, boca seca, boca amarga, é tudo” (G1, 19\03\2020) “Eu não quero que ninguém passe o que passei, perder uma pessoa assim tão rápido num susto, ter a outra pessoa da família também infectada. [...] O sofrimento desse isolamento é muito maior quando você perde alguém da família e não pode dar um abraço. Muito maior do que o sofrimento de você estar na sua casa e não poder sair pra ir pra academia.” (G1, 27/03/2020) “Uma está cuidando da outra. É como se estivéssemos adiando o luto, para sofrermos lá na frente, quando estivermos sozinhas. Foi a forma que encontramos para lidar com isso.” (BBC, 23/04/2020)</p>

Quadro 1. Possibilidades de luto na pandemia.



No que se refere à melancolia, na conjuntura dessa pandemia, consideramos que só posteriormente pode-se observar o seu desencadeamento, o impacto na vida da pessoa que perdeu o emprego, ou que está no confinamento, ou aquela que perdeu o ente querido, como por exemplo o caso relatado por Márcia Cristina dos Santos, enfermeira de 50 anos, que perdeu o pai e o marido em um intervalo de dois dias por conta do coronavírus. Ela relata para a BBC, em 23/04/2020, que “Uma está cuidando da outra [referindo-se a ela e à mãe, viúvas]. É como se estivéssemos adiando o luto, para sofrermos lá na frente, quando estivermos sozinhas. Foi a forma que encontramos para lidar com isso”, Diante do exposto, como será a elaboração do luto por essas duas pessoas? Quais os impactos disso na vida delas? Não temos como definir.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomarmos a questão norteadora deste texto, qual seja: “quais as mudanças de afeto podem ser observadas a partir da pandemia do coronavírus para os brasileiros?”, verificamos que a energia pulsional demarca processos que ocorrem entre o psíquico e o somático, compreendendo várias modalidades de vivências afetivas como medo, tristeza, raiva, frustração, oscilação de humor diante da insegurança e das instabilidades financeiras, desencadeadas pelo “prazer-desprazer”, pela pulsão de vida e pela pulsão de morte, pelo (des)amor.



REFERÊNCIAS

DALGALARRONDO, P. Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais. 2a ed, Porto Alegre: ArtMed, 2008.

FREUD, S. (1917). Luto e melancolia. Tradução Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1920). Além do princípio do prazer. Tradução Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1933). Angústia e instintos, In: Novas conferências introdutórias à Psicanálise. Tradução Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS. Vocabulário da Psicanálise. 4a ed, São Paulo: Martins Fontes, 2001.
<https://veja.abril.com.br/saude/as-saidas-para-superar-a-tristeza-e-a-depressao-que-crescem-no-isolamento/> Acessado dia 15/06/2020

<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/concursos-e-emprego/noticia/2020/04/03/coronavirus-acic-estima-142-mil-desempregados-na-regiao-de-campinas-por-causa-de-quarentena.ghtml> Acessado dia 15/06/2020

<https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2020/03/26/demitidos-por-causa-do-coronavirus-brasileiros-que-ja-ficaram-desempregados-com-a-pandemia.htm?cmpid=copiaecola> Acessado dia 15/06/2020

<https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2020/03/26/demitidos-por-causa-do-coronavirus-brasileiros-que-ja-ficaram-desempregados-com-a-pandemia.htm?cmpid=copiaecola> Acessado dia 15/06/2020

<https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2020/03/26/demitidos-por-causa-do-coronavirus-brasileiros-que-ja-ficaram-desempregados-com-a-pandemia.htm?cmpid=copiaecola> Acessado dia 15/06/2020

G1 <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/27/coronavirus-a-dor-de-quem-perdeu-um-familiar-ou-um-amigo.ghtml> Acessado dia 15/06/2020

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/03/19/mae-do-1o-morto-por-coronavirus-no-brasil-tem-sintomas-e-marido-e-filhos-internados-esse-problema-existe.ghtml> Acessado dia 15/06/2020

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/27/coronavirus-a-dor-de-quem-perdeu-um-familiar-ou-um-amigo.ghtml> Acessado dia 15/06/2020

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52391413> Acessado dia 15/06/2020

<https://ninalemos.blogosfera.uol.com.br/2020/04/03/tenho-panico-e-ansiedade-e-os-dias-de-pandemia-nao-tem-sido-faceis/?cmpid=copiaecola> Acessado dia 15/06/2020

<https://ninalemos.blogosfera.uol.com.br/2020/04/03/tenho-panico-e-ansiedade-e-os-dias-de-pandemia-nao-tem-sido-faceis/?cmpid=copiaecola> Acessado dia 15/06/2020

<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/19/coronavirus-supermercados-estoques-quarentena-sao-paulo.htm?cmpid=copiaecola> Acessado dia 15/06/2020